

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Handwritten:
História da UFPA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Doc. e Pesquisa em História
Campus Sítio do Galo (Antigo Mineirão)
Av. Universidade S/Nº
38400-000 Uberlândia, MG 38400-000



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**A invenção de uma tradição:
A Festa Nacional do Milho
(Patos de Minas 1959-1990)**

hist

RENATA CAROLINA RESENDE



RENATA CAROLINA RESENDE

**A invenção de uma tradição:
A Festa Nacional do Milho
(Patos de Minas 1959-1990)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida.

Uberlândia, julho de 2008.

RENATA CAROLINA RESENDE

A invenção de uma tradição:
A Festa Nacional do Milho
(Patos de Minas 1959-1990)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida - orientador -

Profa. Ms. Maria Gisele Peres

Profa. Ms Juliana Inácio Lemes

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Zilda e Juarez, pela oportunidade de estar viva, pelo amor e apoio incondicional dedicados em toda minha trajetória neste mundo. Escrevendo aqui não chegaria ao fim, pois é imensa a gratidão pela doação dessas duas pessoas que abdicaram de muitas coisas para que hoje eu pudesse estar aqui. Amo vocês, e vejo vocês em mim, e sinto que é eterno cada traço dos outros em nós.

Às minhas irmãs Kerly e Daniela – a uma pelo aconchego divertido do lar, à outra pelas boas farras, às duas pelos bons momentos da vida. Agradeço a vovó Genésia pela paciência e carinho quando precisei de sua ajuda para realizar as entrevistas. Ao Marco Túlio pelos momentos de conversa, carinho e muita paciência.

Aos meus amigos que estiveram incondicionalmente ao meu lado, ao Cristiano vulgo Mosquito, à Kamilla, à Lílian, ao Léo, à Ana, aos outros que porventura eu esteja esquecendo. Ao Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida pelas piadas de “segunda divisão”, pela dedicação e paciência em me orientar.

Enfim, a todas as pessoas com quem me relacionei e que influenciaram no meu crescimento profissional e espiritual. Aos momentos de solidão que me levaram a entender mais o ser humano face às mazelas desse mundo.

RESUMO

O presente trabalho aborda como a Festa Nacional do Milho vai sendo construída, e quem são os sujeitos envolvidos nessa idealização do evento. Como a união de interesses entre as classes dominantes pode incorporar a esse evento os pequenos produtores rurais, e como esses se vêem frente à festa. Aliados às políticas governamentais, os idealizadores da Festa Nacional do Milho legitimam essa tradição baseados na produção rural, porém com vistas ao fomento do comércio e modernização da cidade.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	01-08
CAPÍTULO 1 – A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO: NASCIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DA FESTA NACIONAL DO MILHO.....	09-21
CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA FESTA NACIONAL DO MILHO EM PATOS DE MINAS.....	22-33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
RELAÇÃO DE FONTES.....	35
BIBLIOGRAFIA.....	36-42

APRESENTAÇÃO

A escolha do tema para a realização da monografia partiu de um interesse despertado ao perceber que a Festa Nacional do Milho tem um significado expressivo como marco social, bem diluído na história de Patos de Minas. Porém, havia uma dúvida quanto a sua originalidade se pensarmos para quem ela é feita. Depois de muitos anos estudando história no ensino fundamental e médio, surgiram-me questões quando mais tarde me ingressei no curso de graduação em História.

Percebendo que a história que temos contato em nossas escolas muito difere do que nos é passado pela academia, lembrei-me dos tempos de criança quando a festa me chateava, digo, me chateava por muitas vezes não querer participar de um de seus eventos, o desfile cívico e militar. Não era obrigada pela minha família, mas pelos colégios onde estudei, que sempre davam alguns pontos de participação para os alunos desfilarem. A partir dos dez anos meus pais me levavam a festa, após o que frequentei por algum tempo.

Nesse período já percebi que os motivos pelos quais a festa comemorava o cultivo do milho era em homenagem ao pequeno produtor rural da região. O problema é que nunca encontrei pequenos produtores no evento, e é daí que nasce minha curiosidade a respeito do tema. Como começa a festa? Para quem ela é feita? Por quem? Para quê? Em que momento? Enquanto cursava a disciplina de MTPH (Métodos e Técnicas de Pesquisa em História) ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida, optei, juntamente com sua posterior orientação, por utilizar entrevistas orais e jornais do período, a fim de dialogar com vários sujeitos, sentidos e significados que a festa foi adquirindo na cidade e região.

Busquei fontes com o memorialista Sr. Antônio Oliveira Mello, que já escreveu vários livros sobre a história de Patos de Minas e Paracatu. Quando questionei se ele tinha os jornais, ele me informou que estes haviam sido doados ao LEPEH (Laboratório de Ensino Pesquisa e Extensão em História). Aproveitando a visita pude fazer minha primeira entrevista, com muita dificuldade, pela minha falta de experiência. Ele me relatou sobre a festa e me indicou um de seus livros para que eu pudesse entender melhor. Um dia após a entrevista, levou-me até a casa da Sra. Amália, sua conhecida, que fora uma das organizadoras do evento quando ele foi idealizado, onde tive a oportunidade de conhecê-la e entrevistá-la.

Passado algum tempo, retornando à cidade procurei o LEPEH e fotografei os jornais para uma posterior leitura. Acabei optando por utilizar o jornal *Folha Diocesana*, escrito e

editado por seminaristas e padres, pois ele se encontrava em melhor estado que os demais, além de ser mais completo no que se refere ao período em que seria usado para o trabalho, de 1967 a 1985. No entanto, entre 1959, ano em que se inicia a festa, e 1966, havia uma lacuna; os jornais referentes a esse período não se encontravam no LEPEH, uma vez que não tinham sido doados pelo memorialista. Refletindo sobre essa lacuna, pude inferir que havia algo nos jornais desse período pelo que o Sr. Antônio achasse melhor não se desfazer deles. Falando em outra oportunidade com o Sr. Antônio Oliveira Mello, que continuava dizendo não ter o restante dos jornais, me lembrei que ele escreveu um livro, sugerido em conversa anterior, e que nesse provavelmente constavam alguns desses jornais.

Para suprir essa falta comecei a procurar, por meio de minha avó, pequenos e médios produtores rurais, inclusive os que deixaram o ofício, da região de Patos de Minas. Conversando com o Sr. Joaquim Max e Alciney Ramos, entre outros, que me relataram como era sua participação e como no decorrer do tempo eles notavam a festa, pude entender melhor o papel desse produtor rural homenageado pela festa. Após isso, o trabalho não poderia ficar completo se eu não encontrasse o intervalo de sete anos dos jornais, haja vista que ainda tenho muita dificuldade com a pesquisa por meio da história oral.

Voltei a procurar o Sr. Antônio Oliveira, e depois de uma longa conversa sobre alguns trabalhos a respeito da Festa do Milho, feitos por seus organizadores, que em 2008 fizeram um material sobre a história da Festa Nacional do Milho em homenagem aos seus 50 anos, ele reclamou estar sendo excluído da confecção desse material. Pessoas interessadas, segundo ele em se auto promover, procuraram esses jornais, porém pela arrogância com que se apresentaram, ele preferiu escondê-los, e disse que passaria tudo para mim, mas que eu não deveria passar para frente. O que levou o memorialista a ocultar essas fontes talvez tenha sido o fato de ter escrito a história de Patos de Minas, e mesmo assim nesse momento não ter sido chamado para confeccionar o material.

Certamente ele já pensava na possibilidade de escrever sobre os cinquenta anos da festa, visto que não constavam esses jornais na doação ao LEPEH. Foi aí que tive a oportunidade de xerocá-los e lê-los, cômico é que a festa comemorou 50 anos, mas, nas minhas contas, fez 49 anos no presente ano.

Assim pude melhorar minha pesquisa, pois os jornais desse período foram fundamentais para a execução deste trabalho e é neles que se baseia boa parte dele. Estes jornais evidenciam parte da construção da tradição, e como ela vai sendo elaborada, as melhorias advindas dessa promoção e uma preocupação em torná-la um evento tradicional, explorando para isso vários aspectos encontrados no perfil das pessoas residentes na cidade e

no campo, a partir do que o pequeno produtor rural é projetado como o grande trabalhador que constrói as tradições da cidade, nas reportagens ufanistas do jornal. Trabalho, ordem e desenvolvimento são as bandeiras levantadas em prol da concretização desse acontecimento maior que se torna a Festa Nacional do Milho. Poucas vezes são mencionadas nos jornais, por exemplo, as dificuldades referentes à falta de estrutura para o evento, passando a impressão de que se trata de um acontecimento perfeito, o que não ocorre nas entrevistas.

Nos depoimentos a conversa é diferente: o pequeno produtor rural não se reconhece participando da festa, nem mesmo sendo incentivado no cultivo da terra ou de animais. Segundo os depoimentos, eles sentem esse incentivo apenas nos primeiros anos de festa, quando ainda necessitava desses aliados para firmar sua tradição. Esses incentivos acontecem tanto em Minas como em todo país, especialmente durante as décadas de 60 e 70, quando o governo vê a necessidade em se modernizar a agricultura a fim de alcançar maiores lucros e fomentar a agroindústria. Tudo devia se adequar ao progresso e desenvolvimento da economia local – era preciso incutir, nas pequenas cidades consideradas retrógradas, a idéia de modernização tão sonhada pela elite.

Tanto nas entrevistas como nos jornais, noto que a tradição da Festa Nacional do Milho foi construída por meio de uma forte propaganda aliada a um tipo de influência advinda de instituições públicas, como escola, exército e prefeitura juntamente à elite local. Nessa construção a intenção é que a festa se torne um marco social, e esforços não são medidos para que essa tradição se manifeste como original. O foco de minha pesquisa é como a festa se perpetua aliada a essas forças. Também aqui falo da impressão que tive depois da leitura dos jornais, pois quando comecei a fazer as entrevistas notei que para muitos depoentes a festa é vista como uma comemoração voltada para o lucro e movimentação da economia local. Na fala dessas pessoas ela nada tem de bases rurais, e muito menos de incentivo ao pequeno agricultor.

Comentando um pouco sobre os caminhos usados em minhas entrevistas, começo a partir do que li nos jornais, com a importante ajuda de autores como Alessandro Portelli e Yara Aun Khoury, que puderam disciplinar o modo como eu deveria lidar com as entrevistas. O que ainda é muito difícil para mim, mesmo depois de várias leituras desses autores, é entender como se constrói a história sem se perder no individualismo na utilização das fontes orais. Segundo Portelli, as fontes se referem a pessoas e essas não descrevem suas experiências se pautando nos fatos que o historiador anseia por ouvir. Para o depoente recordar já é reinterpretar, pois estão contidas na narrativa a sua experiência e a sua filosofia de vida, pois constrói sua fala com significados demonstrando suas experiências e

preferências, que por sua vez devem ser aproveitadas. É preciso entender que o depoente julga a si e aos outros e que o historiador tem de ir entrelaçando suas interpretações analisando essa subjetividade.

Não podemos esquecer de que estamos trabalhando com um documento que é uma experiência individual, um narrador mergulhado no seu interior, e devemos interpretar não os fatos falados, mas sim como se sucede o processo que chega a essa visão, que é a consciência do depoente adquirida no intervalo de tempo entre o fato e sua narrativa. Assim, talvez possamos ligar o indivíduo ao social, ou seja, entender as relações que nos levam ao entendimento do social, dando mobilidade à nossa interpretação.

Devemos perceber em que medida o narrador é representativo, que seria sua capacidade em delinear não tanto o que aconteceu, mas o que imagina ter acontecido vivendo possibilidades ocorridas com outros. Nesse trecho do Portelli fica claro isso:

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis. Qualquer sujeito percebe essas possibilidades à sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas (...) É uma representação do real mais difícil de gerir, porém parece-me ainda muito mais coerente, não só com o reconhecimento da subjetividade, mas também com a realidade objetiva dos fatos.¹

Além de Portelli, foi fundamental para esse trabalho a leitura de Yara Aun Khoury, quando ela fala de uma escrita da história que não seja excludente e que possa incorporar outros sujeitos históricos, pessoas que por muito andaram excluídas da história. E é justamente nisso que meu trabalho se atenta, visto que a cidade de Patos de Minas é marcada por uma história de poucos, onde o povo é reconhecido pela visão ufanista de se escrever história, tão-somente como ordeiro e trabalhador, ao mesmo tempo em que é em parte ocultado como sujeito histórico. Aqui tento incorporar as muitas histórias desses sujeitos, embora inseridos na composição da tradição e história da Festa Nacional do Milho foram esquecidos e não se sentem parte dessa festa que se diz em homenagem ao povo patense e ao pequeno produtor rural, que também não se reconhece participante da festa. Os relatos demonstram que tudo isso é uma fachada, uma jogada, até que se conseguisse o alcance de um público que a festa tem hoje. Colocando esses sujeitos em cena pude perceber que a festa em nada melhorou a vida de pequenos produtores rurais e muito menos é feita para eles.

¹ PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In: Revista Tempo (Dossiê Teoria e Metodologia), vol. 1, nº2 dezembro 1996, p. 72.

Aqui Yara explica a intenção em se trabalhar a história oral, e como perceber esses sujeitos:

Buscamos apreender como sujeitos específicos significam e interpretam a vida e a eles próprios, nos modos de projetar, trabalhar, morar, se relacionar, se comunicar, festejar, comemorar, apreender como se apropriam e reelaboram valores, sentimentos, interesses, costumes, tradições, memórias e expectativas; apreender como hegemonias se engendram e carências e necessidades se constituem no embate das forças sociais. Nesse sentido, estamos dizendo que processos criam significações e que essas se instituem em memórias e procuramos explorar os processos sociais de constituição da história e da memória em suas mútuas relações e como essas alimentam e realimentam poderes, dominações, sujeições e resistências.²

A história de Patos de Minas é marcada por um viés que a compõe como uma história que une vários sentidos que são contrários ou mesmo se negam. Yara nos sugere como trabalhar a experiência do sujeito no social, que está sempre em movimento, destacando uma nova construção do pensamento histórico. Trata-se de quebrar com o pensamento histórico hegemônico, abrindo caminhos para um diálogo plural sobre nossas problemáticas com outros tipos de fontes, e trabalhando nosso desenvolvimento intelectual de modo a colocar em cena os sujeitos e como esses interpretam suas vidas no social. Nosso intuito é, dialogando com outras fontes, buscar por convergências nas narrativas que contestem a ordem estabelecida pelas classes dominantes, difundido sobretudo nos jornais esse pensamento hegemônico. É necessário apreender como esses sujeitos incorporam tradições, como sugere Yara:

Nessa lida, temos buscado integrar como homens e mulheres, compartilhando experiências sociais, vivendo e transformando modos de vida, identidades, vão se apropriando de valores e tradições, nas lutas cotidianas, alimentando e modificando sentimentos de pertencimento a um lugar, a um grupo, a uma memória; como vão criando referências culturais próprias e se apropriando de outras, e como essas experiências se fazem em meio a contradições e ambigüidades.³

Para compor o enredo do período estudado me pautei em autores que pudessem me fornecer um parâmetro da situação da agropecuária brasileira e mineira, além dos planos de governo do período e prometidas políticas de financiamentos. Começo pela tese de doutorado da professora Heloisa Helena Pacheco Cardoso, que fala do binômio energia e transportes, apresentando-o como áreas em que o país deveria expandir e que o levariam ao

² KHOURY, Yara Aun. **O historiador, as fontes orais e a escrita da história**. In: Outras Histórias: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006, p.24.

³ KHOURY, Yara Aun. **O historiador, as fontes orais e a escrita da história**. In: Outras Histórias: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006, p.28-29.

desenvolvimento, visto que essa energia é a que coloca as máquinas em funcionamento. Assim, o Brasil caminha para passar de um país agrícola a um país desenvolvido, e o símbolo disso são as indústrias em crescente instalação no país. A autora elucida a respeito do papel do governo, empresários e trabalhadores nos anos 50 em Minas Gerais, demonstrando como se forja a ideologia desenvolvimentista:

A ideologia desenvolvimentista dava ênfase na necessidade de convergência de esforços para o objetivo de se concretizar o desenvolvimento econômico com bem-estar social. O que fundamentaria ideologicamente a definição desse objetivo é a necessidade de manutenção da ordem, preservação da civilização cristã, em suma, a segurança do sistema. No Brasil, considerado um país atrasado, a preservação da pobreza poderia significar uma ameaça a ordem constituída.⁴

Aqui podemos perceber qual o intuito do governo, que é manter todas as classes em perfeita harmonia, muitas vezes colocando-se acima dos interesses dos empresários para que a ordem fosse mantida, e cedendo às reivindicações de trabalhadores com o fim de balancear suas relações e agradar a todos, utilizando-se de todos os apoios possíveis para a construção de um país desenvolvido. Isso é percebido em Patos de Minas, onde o discurso que leva a manutenção dessa ordem está explícito nos jornais pesquisados por mim, não só na década de 50 mas em todo o percurso estudado no presente trabalho.

Abordando as políticas públicas voltadas para a agricultura, com os planos de governo das décadas de 60-80, me foco na tese de doutorado do professor Wensceslau Gonçalves Neto, na qual podemos notar as especificidades de cada plano de desenvolvimento econômico para o fomento da agricultura no Brasil. É muito importante entender as prioridades que em cada período foram levantadas por esses planos e como eles funcionavam para o setor agrícola. No trecho abaixo podemos perceber as perspectivas desses planos de governo para o país:

Pelo exposto, julgamos haver delineado o papel secundário que é conferido à agricultura no interior dos planos de desenvolvimento, apesar de que alguns deles, ser-lhe creditado o papel principal como vilã do processo. Apesar de coadjuvante, os governos pós-64, mais marcados pela ortodoxia liberal, reservam-lhe importantes tarefas para a continuidade do processo de desenvolvimento: garantir o abastecimento urbano, sem pressões altistas; produzir matérias-primas; assegurar

⁴ CARDOSO, Heloisa H. Pacheco. **Conciliação, Reforma e Resistência: governo, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50**. Tese de Doutorado em História apresentada ao Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo 1998, p.7.

divisas, pela produção de exportáveis; e gerar empregos que aliviem a pressão sobre o mercado urbano.⁵

A agricultura, em segundo plano, tanto nos planos de governo como dentro do enredo da Festa Nacional do milho, tem o papel de fomentar o desenvolvimento e a industrialização, pois por meio da festa pode-se chegar a uma promoção da cidade e despertar o olhar das autoridades que trazem consigo seus melhoramentos segundo a ideologia desenvolvimentista, além de fomentar as atividades comerciais e a entrada de indústrias para que a cidade se modernize. Com esse intuito é inventada a Festa Nacional do Milho, assim se colocando como grande pólo de produção de cereais, que se percebe apenas como motivo de promoção da cidade, visto que não há uma grande produção.

Na dissertação de mestrado de Luciana Lillian de Miranda, há uma aproximação maior com a cidade de Patos de Minas, uma vez que ela discute as transformações ocorridas na região de Uberlândia no mesmo período, apontando para as transformações cunhadas como “modernização”, especialmente as ocorridas com os pequenos produtores rurais, que são incorporados na sua maneira de viver e relacionar com os técnicos agrícolas à idéia da criação de pólos produtores “modernizantes”.

Pensando isso decidi dividir meu trabalho em apenas dois capítulos: no primeiro tento descrever como se origina a festa, quem trabalha para que ela se perpetue, quais são seus atrativos e estruturas, e faço uma breve colocação do modo como ela vem acontecendo no decorrer dos anos. A construção da festa em cima do cultivo do milho e em homenagem a agricultura demonstra que a festa se pauta em eventos que não dão espaço aos pequenos produtores rurais, mas que funciona como um divulgador dos interesses do Estado para a modernização da agricultura, pautando-se desde o fim da Semana Ruralista (1977) em promover grandes leilões de gado e venda de produtos da agroindústria, que na Semana Ruralista já eram divulgados e vendidos. Uma marca registrada da festa são os shows de celebridades da indústria cultural, e são o que movimentam muito dinheiro, sendo uma prioridade ontem e hoje para os promotores do evento.

Nesse capítulo podemos entender como a história da festa deixa de lado desde o início seus homenageados, e como vão se entrelaçando forças opostas em prol do progresso e desenvolvimento. Demonstro como a construção de uma tradição é importante para as

⁵ NETO, Wenceslau Gonçalves. **Estado e Planejamento: A agricultura nos Planos de Governo no Brasil (1960-1980)**. In: História e Perspectivas. Uberlândia: EDUFU, nº10, jan/jun 1994, p.105.

relações políticas, pois no período em que ocorre a festa recebemos na cidade a visita de políticos e promessas de desenvolvimento.

No segundo capítulo, procuro fazer um diálogo com as fontes que porventura demonstre como a festa vai incorporando seus vários sujeitos e a história da cidade. Quem trabalha por isso? Por quê? Quem são os beneficiados com o evento? Quem participa da festa? Como se homenageia o homem do campo, embora a muito não participa do evento? Convivemos desde 1961 com uma estátua em praça pública que homenageia o homem do campo, mas o que percebo nas entrevistas é que ele não se identifica com o evento, e percebe-se que talvez nunca tenha se identificado.

O que denotamos no segundo capítulo são os planos de governo tentando instruir os produtores em técnicas de cultivo modernas, com o que é possível entender os objetivos da Semana Ruralista e como ela pode ser pensada como meio dessa instrução ao homem do campo. É necessário entender também porque participação do homem do campo se dá apenas na Semana Ruralista (1959-1977), momento em que ainda há uma grande preocupação em se trazer o homem do campo para participar da festa, a fim de que ela seja legitimada.

CAPÍTULO I – A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO: NASCIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DA FESTA NACIONAL DO MILHO

Este capítulo pretende esboçar uma síntese de como é iniciada a tradição da Festa Nacional do Milho, descrevendo como funciona e de onde partem os idealizadores do evento para a construção da mesma. Demonstrando a necessidade de criação de um marco social para a cidade, e também de como os interessados formulam seus anseios e os denominam desejos de todas as classes, num jogo político que tem como objetivo aquecer a economia local. Buscando uma aliança entre pequenos, médios e grandes produtores rurais, comerciantes, empresários e prefeitura para a construção da Festa Nacional do Milho, que ontem e hoje, além de movimentar a economia é um evento onde vários políticos comparecem a cidade e podem melhor atender as suas aspirações de progresso.

O cultivo do milho em Patos de Minas não foi em 1959 nem é hoje motivo para acontecimento de uma festa, no que se refere a uma produção vultosa. Curioso, ao se falar na cidade de Patos de Minas, situada em Minas Gerais, na região do Alto Paranaíba, que é reconhecida como a Capital Nacional do Milho. A produção do cereal realmente acontece na região, mas em pouquíssima quantidade, tanto hoje quanto no início da festa, como demonstra o trecho da entrevista com o Sr. Alciney Ramos que nasceu e cresceu em Patos de Minas:

Patos é um município que tem um nome na região e no país... mas não quer dizer que seja um grande produtor de milho não (...) Patos é um pólo onde escoam toda produção vizinha mesmo quem produz fora aqui que leva a fama...(risos)... Patos vem crescendo como se fosse grande produtor de cereais mas a maioria vem de fora. A produção do milho mesmo mais é em Presidente Olegário, Paracatu, Unai e... as cidades vizinhas.⁶

O que induz a pensar sobre os motivos da importância que, ao longo do tempo, esse evento, a Festa Nacional do Milho, foi tomando, pelo trecho percebe-se que a autenticidade da festa para alguns patenses não é confiável, visto que não conhecem uma produção que legitime a festa.

Como em muitas cidades brasileiras em Patos de Minas não foi diferente, em busca de um marco social que projetasse a cidade economicamente, se apropriam de tradições e constroem histórias e mitos. O cultivo do milho tem bases sólidas em nosso país desde a sua colonização; nas expedições ao Sertão a facilidade em se transportar o milho e a rápida colheita o fizeram sobressair entre outros alimentos, além de despertarem o apreço em grande

⁶ RAMOS, Alciney. Entrevista sobre a Festa Nacional do Milho. Patos de Minas 03 de setembro de 2007.

parte do país e do mundo. O milho é usado como matéria-prima em variados e deliciosos pratos, sem falar no artesanato que podemos produzir com ele.⁷ Notando essas possibilidades clássicas, Patos de Minas vale-se do milho como ponto de apoio para construir uma tradição. Utiliza-se do amparo de algo com bases historicamente sólidas, e que por muito sustentam a continuidade da festa na cidade.

Dentro do enredo da economia e política mineira, e de todo país em fins dos anos 50, o que percebemos é a necessidade de concentrar ordem, religião e trabalho no cotidiano das pessoas, para um forte controle sobre elas, num discurso que une indústria, governo e trabalhadores empenhados em prol do progresso da cidade, denotando a visão desenvolvimentista deste período em Minas Gerais e no Brasil. Essa política necessita dessa “parceria” entre classes distintas, coligando-se a bandeira do progresso, que vai promovendo os desejos da classe dominante em desejos de todas as classes.⁸

O comércio patense ainda muito tímido em 1959 centra-se apenas no Município de Patos de Minas, visto que o mercado, pela falta de estrutura das estradas de acesso e outros meios de comunicação se restringe a essa pequena fatia do Estado. Foi nesse raciocínio que a Sra. Lia Brochado Dias com a intenção de promover sua loja Rio Modas, que contava com peças de um estilista chileno, o que talvez não atraísse a população local, resolveu procurar os demais comerciantes pedindo patrocínio para um desfile das roupas de sua loja, como explicita aqui o depoimento do memorialista Antônio Oliveira Mello:

A festa surgiu assim... bom aqui tinha uma dona Lia Brochado Dias ela viera de Paracatu, ela tinha uma loja chamada Rio Modas na rua Major Gote, de artigos femininos e essa loja dela era mantida por produtos criados por um estilista e costureiro chileno chamado Orlando que era exclusivo das irmãs dela que moravam no Rio de Janeiro. Por isso o nome Rio Modas. E ela queria fazer uma apresentação aqui em Patos de Minas sobre a loja um movimento, assim, um oba oba. Aí ela foi expor a idéia dela para uma porção de pessoas da sociedade do comércio e essas pessoas mostraram para ela a inviabilidade dela fazer isso. Porque ela não ia ter apoio no comércio, ela ia fazer propaganda da casa comercial dela e como que o outros iam colaborar com ela?⁹

Na década de cinquenta há no país uma movimentação, em que o discurso é a bandeira do progresso e industrialização. Os governantes das cidades estavam preocupados com seu

⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Uma Civilização do milho*. In: *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Cia das letras, 1957.

⁸ CARDOSO, Heloisa H. Pacheco. *Conciliação, Reforma e Resistência: governo, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50*. Tese de Doutorado em História apresentada ao Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

⁹ MELO, Antônio Oliveira. *Entrevista sobre a Festa Nacional do Milho*. Patos de Minas, 10 de set. 2006.

avanço em todos os sentidos mas principalmente no setor industrial, e numa tentativa de sanear o tempo perdido, constroem “tradições” que passam a projetar de alguma forma dentro desse crescimento, que nos países latinos obviamente acontece mais tarde.

Infeliz em sua tentativa egoísta de promover apenas a sua loja, a Sra. Lia Brochado não conseguiu patrocínio, mas usou de outros meios para projetar a idéia num âmbito maior. Agora pensando promover a pequena cidade, para aquecer a economia de modo geral, assim fundamentaria seus pedidos de patrocínio. Na região, onde a maioria da população residia no meio rural, pensar um desfile de moda como ato de promoção da cidade me parece irrelevante. Mas nesse lapso, reunindo-se com algumas amigas, Lia Brochado pode pensar melhor a idéia de uma festa ligada ao que a maioria da população tinha como meio de subsistência, a agricultura. Percebendo aqui uma utilização do rural com finalidades não rurais, que elucidarei mais adiante.

Numa reunião entre as senhoras que idealizaram o evento é definido o tema da festa. Porém em um livro do memorialista Oliveira Mello, há uma outra festa do milho na região desenvolvida por uma professora e sua escola no povoado de Bom Sucesso que fica no município de Patos de Minas, que acontece desde 1956, em seu livro “Festa do Milho: 25 anos” ele faz uma ligação entre esta festa e a festa do milho de Patos de Minas, que não percebemos em outras fontes deixando passar por uma ligação duvidosa com as fontes jornais e entrevistas. Quando se fala na Festa do Milho e sua história, nas reportagens que são publicadas no jornal Folha Diocesana não é mencionada esta festa anterior a 1959. A festa em Patos de Minas acontece nesse ano, apoiada ou não nessa festa do arraial que também tinha o nome de Festa do Milho. Mas a idéia da festa nascida em Patos de Minas provavelmente parte do ideal de um desfile e para que este não fosse descartado haveria um concurso de beleza para eleição de uma rainha para a festa. É provavelmente com esta base, bastante débil e pouco dotada de sentido, que as senhoras decidem que a festa será em homenagem a produção de milho na região, conforme entrevista com a Sr. Amália, que participou da organização das primeiras festas:

Então as duas estavam numa boate hoje onde é o restaurante Mezzanino e o dono da boate se chamava Paulinho Portilho, ele escutou as duas que estavam sentadas bebendo alguma coisa e conversando sobre esse assunto como ela faria para apresentar esse desfile aqui em Patos. Então ele deu o palpite dele, né? Porque vocês não fazem uma festa e nessa festa vocês apresentam esse desfile. Então elas falaram: mas como, e ele disse o que aqui em Patos produz mais? E a outra minha colega Ordalina Vieira ela falou assim: _ Aqui o que dá mais é o feijão! Ah, mas feijão é um nome muito feio! E o Paulo falou assim: mas aqui tem muito milho?! E ela respondeu: _ Tem também! E ele: _ Então porque vocês não fazem a festa do milho! E agora nós estamos com a idéia de oferecer essa renda que a gente tiver com

a festa para o seminário. E foram conversar com o Senhor Bispo que naquela época era o Dom José André Coimbra e ofereceram para ele e ele aceitou, né? E... aí ele determinou Padre Almir Neves de Medeiros para ajuda-las na parte que competia ao seminário. E formaram um grupo de senhoras que tomavam conta do seminário...que ajudavam no seminário... uma delas não me lembro bem, mas acho que era a Vera Spyer e Ivalda Alves elas é que chamaram a gente...depois... para fazermos parte: eu, a Lila Rezende, Glória Porto e seus companheiros. Então eram vários casais... Eu me lembro mais dos que eu tinha mais contato.¹⁰

Não há no depoimento uma ligação entre a festa do arraial e a de Patos de Minas, mas percebemos que ambas senhoras são professoras, e que essa construção de um dialogo dentro do texto da depoente é bastante duvidosa pois ela mesma nos fala na entrevista que não estava na reunião onde idealizam a festa, mas sim que suas amigas lhe contaram no outro dia, assim não podemos descartar que a idéia também possa ter vindo dessa outra festa. Essas mulheres aproximam-se de outros possíveis colaboradores, como Prefeitura e Associação Rural, e vão decidindo as outras atrações.

Parece claro que as moças não definiram que a festa aconteceria nos dias próximos ao aniversário da cidade, essa parte ficou certamente a cargo da prefeitura, por que fica decidido que a festa acontecerá na semana do aniversário de emancipação política, dia 24 de maio. Aquelas mulheres puderam agora pensar além do desfile, começam a refletir a respeito das prioridades reais da cidade, procurando outras pessoas que pudessem incrementar as atrações e deixá-las mais adaptadas ao público, interessados não faltavam.

Além da eleição da rainha, realmente a festa precisava incorporar mais atrativos para a população regional, o desfile pode ser bem aceito por que a renda era destinada ao Seminário Pio II, que muito mobilizou a pessoas por meio do jornal Folha Diocesana a venda de votos das candidatas. Mas a idéia do cultivo do milho como motivo é que encantava comerciantes, pequenos e grandes produtores rurais, além do que seria um bom espaço para a disseminação de novas e modernas técnicas de cultivo da terra, visto que a política governamental traçava essa inovação em seus planos de desenvolvimento.

O Estado, enquanto guardião da totalidade do sistema capitalista, não pode permitir que isso aconteça, sob pena de arriscar o futuro do próprio sistema. E é neste sentido que vemos a agricultura aquinhoadada com alguns privilégios, mesmo após a perda de sua posição de prevalência. No momento de composição dos diferentes planos de desenvolvimento da economia o Estado não pode esquecê-la: apesar de subordinada a agricultura esta presente, responde por importantes parcelas da produção e atua politicamente na defesa de seus interesses.¹¹

¹⁰SANTANA, Amália M. F. de. Entrevista sobre a Festa Nacional do milho. Patos de Minas, 10 de set. 2006.

¹¹ NETO, Wenceslau Gonçalves. Estado e Planejamento: A agricultura nos Planos de Governo no Brasil (1960-1980). In: História e Perspectivas. Uberlândia: EDUFU, nº 10 jan/jun 1994, p.87.

Aqui neste trecho já percebemos que a festa produz outros eventos, como relata o memorialista Antônio:

E ele decidiu realizar a semana do ruralista de uma idéia que ele trouxe quando ele era aluno na escola técnica, sei lá o que, de Viçosa, e realizaram palestras e essas coisas todas e tale foi uma festa que contagiou com seus carros alegóricos e tudo isso. A festa tinha a semana ruralista, as vendas dos votos e o baile com eleição da rainha. Pra ir ao baile as pessoas compravam a mesa e iam. Com o tempo é que foram aparecendo os atrativos, e a festas posteriores foram no campo do URT. Foi quando houve os grandes artistas que eles contrataram para apresentar o show, Roberto Carlos, Chico Buarque, Moacir Franco, faziam vários números de apresentações esquadrilha da fumaça, gincanas, teatro, desfile cívico.¹²

As primeiras organizações da Festa do Milho eram feitas por famílias da elite local que tinham uma ligação com as idealizadoras do evento. Juntamente com essas famílias auxiliavam Prefeitura e Associação Rural, nas atividades ligadas ao aniversário da cidade e agropecuária respectivamente, esses se incorporando desde o início da festa, vendo as possibilidades de lucros que poderiam ser obtidos. A participação de ambos é o que proporciona uma sustentação mais sólida a festa. A prefeitura cabia os preparativos para o desfile cívico e militar no dia do aniversário da cidade 24 de maio, que era realizado pelos colégios, tiro de guerra e as candidatas a Rainha do Milho:

Constitui um dos pontos altos da Festa Nacional do Milho o desfile de nossa mocidade estudantil na manhã de 24 de maio. Como marcham garbosos os alunos de nossos colégios e ginásios cujo numero já ultrapassa a quatro mil. (...) Como são artísticos os quadros vivos, graciosas balizas e variadas as faixas com que se distingue cada colégio! E nosso tiro de guerra!¹³

As populações, sua parte com menos poder aquisitivo, em sua maioria, assistiam as festividades por meio desse desfile e de outras atrações que fossem gratuitas. A prefeitura apoiava outros eventos como os shows, rodeio e palestras da Semana Ruralista acontecimentos promovidos pela Associação Rural. Com a orientação e ajuda do prefeito Sebastião Alves do Nascimento e integrantes da Associação Rural de Patos de Minas, a festa foi sendo elaborada com um viés mais afigurado a agropecuária. A parte que ficava às senhoras idealizadoras do evento, compreendia a confecção do baile de eleição da Rainha do Milho, e sua campanha de arrecadação de votos, até que se passe para um júri. A Associação

¹²MELO, Antônio Oliveira. Entrevista sobre a Festa Nacional do Milho. Patos de Minas, 10 de set. 2006.

¹³DESFILÉ dos estudantes. Folha Diocesana 9 de maio 1968, p.1.

Rural com a ajuda indispensável dos outros colaboradores projetou a idéia da Semana do Ruralista e esta teve como objetivos orientar os agricultores e pecuaristas em suas plantações e criações, para que houvesse um melhoramento na forma de cultivo, aumentando a produção regional, e modernizando a agricultura.

A Semana do Ruralista promovia palestras em que especialistas e produtores da região trocavam experiências e promoviam melhoramentos na agropecuária. Funcionava com a coleta de questões e opiniões de agricultores da região, e em seguida a escolha dos temas que fariam parte das palestras do ano. Esse evento funcionava como um curso para o melhoramento da produção. Com as inovações vividas pela agricultura no momento foi de extrema importância a capacitação do homem do campo, que não poderia ficar para trás nesse período desenvolvimentista e de modernização da agricultura, ele teria que se modernizar para alcançar uma produção em maior escala e qualidade, que talvez nem estivesse pautado nas prioridades de alguns ruralistas.

Esse evento teve seu fim no ano de 1977, pois o Sindicato dos Produtores Rurais (Associação Rural) e os grandes latifundiários direcionaram-se para negócios como leilões de gado, feiras de animais, exposição de tratores. Assim o pequeno produtor rural da região que só contava com a Semana do Ruralista dentro da programação da festa deixou de participar, não só por isso, mas pela falta de condições financeiras. Os leilões que antes eram mais acessíveis, neste momento já não o são, o preço das vacas premiadas e outros não cabem no orçamento dos pequenos:

Aproveitando a oportunidade dos grandes festejos, reúnem-se aqui, durante vários dias, técnicos de renome em agricultura e pecuária, que tomam conhecimento de nossa realidade e prestam sua estimável colaboração, na melhoria de nossa produção agrícola e de nossos rebanhos. (...) Paralelamente a atividade dos ruralistas muitas outras coisas boas acontecem em Patos de Minas dentro da programação da grande festa. Atividades esportivas artísticas e culturais são promovidas com maior desvelo.¹⁴

Uma vez que:

Junto com o prefeito os deputados se reúnem com os técnicos agrícolas e os produtores rurais da região com a comunidade pedindo sugestões para saber o que devíamos fazer pra tá cultivando melhor. O Banco da Terra até que dá uma ajuda ... mas dos leilões os pequenos hoje não participam só grandes fazendeiros...antes nós tinha um pouco de gado...nós comprava um boi...uma novilha de boa linha...até dava pra comprar..hoje o banco não aprova mais empréstimos.¹⁵

¹⁴ FONSECA, Délio Borges. Festa do Milho. Folha Diocesana, Patos de Minas, 8 de maio 1969, p.1.

¹⁵ SILVA FILHO, Joaquim Max da. Entrevista sobre a festa do milho. Patos de Minas, 24 de agosto de 2007.

Nesses trechos vemos que a extinção da Semana do Ruralista provoca uma mudança na seleção do público dentre os produtores rurais, visto que os pequenos que necessitam de informação e ajuda não tem acesso a esse tipo de comércio. Depois de dezenove anos de festa, bastante firmada a tradição, se vê descartado aquele que não tem condições para comercializar dentro do evento. Neste trecho de Luciana notamos que alguns enfrentaram dificuldades com a política de crédito agrícola mas obtiveram sucesso:

Apesar de todas as denúncias e críticas a respeito da distribuição desigual do crédito agrícola, não podemos desconsiderar alguns casos de pequenos e médios agricultores que vieram a se beneficiar dessa política, mesmo que representem uma minoria. Ou melhor, é interessante perceber como os mesmos enfrentaram os obstáculos apresentados, respeitando as diversidades incorporadas a essas vivências.¹⁶

Os preparativos para o baile e shows onde era eleita a Rainha do Milho ficavam sob a responsabilidade das senhoras idealizadoras e do casal da elite local que a apadrinhasse e promovesse sua candidata até o ano de 1965 quando o Sindicato Rural (antiga Associação Rural) assume a organização. As dificuldades eram muitas para conseguir patrocínios e manter a festa viva, e em seus primeiros anos ela sempre ficou ameaçada de extinção. O local onde aconteciam os bailes gerava muitos problemas, pois Patos de Minas não contava com um grande salão. A maioria dos eventos acontecia dentro da cidade e o baile em galpões (CASEMG) sem ventilação e ainda um pouco carregados de cereais, era desapropriado para um desfile e show, e esse espaço foi sendo descartado. Nos jornais noto que não há passagens sobre as situações calamitosas, mas principalmente na entrevista com Amália, uma das organizadoras fica bem claro as dificuldades.

Após isso o novo local foi o estádio da URT (União Recreativa dos Trabalhadores) que era amplo, assim mais adequado para o evento, visto que depois de uns anos e a construção da Rodovia do milho a BR 262 que começou em 1969 a festa tinha um volume muito maior de turistas. Mas o problema estava armado quando chovia fato comum na cidade no inverno e consequentemente mês de maio, em que acontece a festa. Chovia e chove muito nesse período, e acontece que o estádio não sendo coberto se alagava molhando palco, mesas

¹⁶ MIRANDA, Luciana Lillian de. **A vida rural na mira da modernização conservadora: um diálogo com os proprietários rurais e o jornal. Correio de Uberlândia, 1960-1985.** In: Revista História e Perspectivas, n.31, Uberlândia UFU. 2004, p.88.

destinadas aos convidados, um verdadeiro dilúvio. E lá estavam os organizadores correndo de um lado para o outro para enxugar tudo, como no trecho da entrevista com a Sr. Amália:

Naquele tempo a festa era feita na CASEMG. A CASEMG era um barracão de guardar sementes. E lá é que a gente fazia a festa, então surdiu as idéias lá e cada um dando idéia ... surgiu a idéia de eleger de de ... tudo por causa desse desfile, sabe? Aí surgiu a idéia de ter rainha, convidar as moças para serem rainhas. Mas o voto era vendido, então a Primeira Rainha foi a Helena Alves, eleita pelo voto por dinheiro. Depois no outro ano as pessoas ficaram separadas... cada casal seria padrinho de uma candidata por um tempo. Eu e meu marido, por exemplo, fomos padrinhos no ano seguinte da Jelsa Carvalho, e a gente pedia votos para ela mas quem ganhou foi a Maria Olivia, né? Daí para a frente começou a eleger a rainha por voto popular. Na CASEMG... lá na hora do baile. E assim foi crescendo até chegar a um ponto que nessa CASEMG não coube mais o povo... Ainda não havia leilão nem exposição de gado... e muita coisa a gente nem tomava parte... nossa parte era mesmo social. Não havia também essa grandiosidade que tem hoje. Depois da CASEMG passou a ser no campo da URT, essas festas lá foram até muito problemáticas porque as vezes chovia muito sabe? E lá não tinha cobertura, né? Quando o Roberto Carlos veio cá... quando o Chico Buarque veio aqui... era lá no URT. O povo da organização tinha um trabalho grande para... puxar... a água da arquibancada, nas mesas tivemos que enxugar as mesas e cadeiras, e foi muito trabalhoso nessa época da URT. Depois disso eles tiveram vontade de fazer o Paiolão, que era feito de bambu e folhas de coqueiro, era um quiosque grande, tinha goteira lá quando chovia demais, ficava pingando na gente... isso tem muitos anos...¹⁷

Outro evento que não tinha instalações e sofria com a falta de estrutura era a Semana do Ruralista que não tinha um local próprio para as palestras e nem para as exposições de criações. A cada ano se acomodavam num local distinto, os pedidos por ajuda são muitos, na imprensa e pelos idealizadores dos eventos, o que supôs muitas vezes inviável a realização do evento. Mas durante todo tempo os organizadores apesar das frustrações não deixaram de promover a festa. De 1959 até 1964, período em que foi organizada com a ajuda da elite local obteve sucesso a cada ano e não falhou nenhum. Com a concentração da organização nas mãos do então em 1965, Sindicato Rural continuou sendo assim, e aconteceu mesmo nos anos de crise econômica em que passaram por muitas dificuldades, cogitou-se em ser feita apenas de dois em dois anos, o que não ocorreu.

Na escolha das candidatas ao título de Rainha do Milho os quesitos simpatia e beleza eram fundamentais, no entanto a propaganda e o padrinho poderiam ser decisivos na escolha, na primeira festa o voto foi vendido para ajudar o seminário. Enquanto a festa foi produzida pela elite local e era menos divulgada, não sabemos realmente se patenses, produtores rurais da região prestigiaram mais o evento. A festa foi realizada na cidade mesmo em 1968, quando é construído o Parque de Exposições, mesmo assim muitos eventos ainda eram feitos fora do

¹⁷SANTANA, Amália M. F. de. Entrevista sobre a Festa Nacional do milho. Patos de Minas, 10 de set. 2006.

parque. Como a fama da Festa Nacional do Milho foi crescendo consideravelmente a cidade não suportava mais os seus visitantes e foi necessária, para que não se tumultuasse a cidade, a concentração dos acontecimentos no Parque de Exposições Sebastião Alves do Nascimento, construído por patrocinadores e integrantes do Sindicato Rural.

A elite ainda aqui continuava na organização da festa, mas dando amparo ao Sindicato Rural. A estrutura do Parque de Exposições era precária e rústica, há o Paiolão, voltado para os bailes, instalações para o gado de exposição e também uma grande arena de rodeio e shows. O Paiolão foi feito antes das outras instalações, de madeira e folhas de coqueiros, o que não resolveu o problema nos dias de chuva, pois continuava molhando tudo, as ruas que davam acesso ao parque não tinham asfalto trazendo muita poeira. Depois de reivindicações rapidamente foram atendidos. A arena para rodeio era grande e contava com uma arquibancada para mais de oito mil pessoas. A partir de 1974 a festa centraliza seus eventos quase todos dentro do Parque de Exposições e este recebe novos melhoramentos.

Desde o início a festa é um acontecimento comemorado na semana e no dia do aniversário da cidade onde acontece eleição da rainha do milho e baile. Olhando as fontes - de uma maneira mais minuciosa - parece-me que há uma mistura entre as datas da festa e o aniversário da cidade. O que sugere, é ter sido decidido que a festa aconteceria na semana do aniversário da cidade, pois é a comemoração do mesmo juntamente com a exaltação da produção rural, que tem como intuito promover a cidade e município em esfera nacional. Unidas a data aos festejos, originavam mais força a incorporação do cultivo do milho, e mais sentido as comemorações para o intuito de seus organizadores. Nesse trecho da reportagem podemos perceber a preocupação em mantê-las unidas:

Todo o programa das festividades foi executado plenamente. Dois números, porem, calaram fundo no espírito da população, pela perfeição e pela graça com que foram executados: O desfile da mocidade, Tiro de Guerra 91 e a juventude das escolas, e o concurso para a eleição as Rainha do Milho! Porque concomitantemente ao aniversário da cidade, a Associação Rural celebrou a Semana do Ruralista, com muito brilhantismo, aliás, e muito proveito.¹⁸

Durante o desfile cívico em comemoração ao aniversário de emancipação política de Patos de Minas, desfilam as candidatas a Rainha do Milho, e o próprio desfile cívico encontram-se como parte da programação da Festa Nacional do Milho. Aqui se compreende que ambas estão unidas e fazem parte das mesmas comemorações. Então se mesclavam baile a Semana do Ruralista e demais eventos com o desfile cívico militar, apresentados pelos

¹⁸ BORGES, Afonso Corrêa. A capital do Alto Paranaíba. Folha Diocesana, Patos de Minas, 3 de junho de 1962, p.1-6.

colégios e polícia militar. Eles se encontravam ano após ano em um movimento, que os teria levado a incorporação fazendo parte de uma mesma história.

No ano de 1965, instalada em 1964 a ditadura militar, o então governador Magalhães Pinto insere a Festa do Milho no calendário de turismo do estado. E nessa “composição” também se obtém a nacionalização da festa, que será explorada mais adiante, numa confusão de datas em que o dia 24 de maio é instituído como dia nacional do milho, sendo esse também dia do aniversário da cidade tornando-se ela a capital nacional do milho, aqui escrevo como se projeta o fato nos jornais. O marco cronológico onde se inicia esta confusão e legitimação da Festa do Milho, é o decreto lei número 56.286 de 17 de maio de 1965, o Presidente da República Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco institui o dia 24 de maio dia Nacional do Milho, portanto um alcance que se dá no período ditatorial, outra questão a se pensar:

A Festa do Milho adquiriu caráter nacional com o decreto numero 56.286, de 17 de maio de 1965, em que o então presidente Castelo Branco instituiu o dia nacional do milho a ser comemorado a 24 de maio, aniversário da cidade de Patos de Minas.¹⁹

A festa nesse ano assume um caráter nacional passando a ser Festa Nacional do Milho, na verdade nos jornais na maioria das reportagens fala bastante do numero do decreto e muito pouco sobre o que envolve sua criação. Com esse mérito, apropriado por Patos de Minas ela consegue alcançar o desejado destaque no cenário nacional, podemos notar uma exaltação sobre a festa por meio do jornal Folha Diocesana da época, que vangloria as propagandas da mesma na TV Itacolomi, Jornal O Cruzeiro e sua inserção no calendário de turismo do estado, nesse ano também a organização da festa se concentra nas mãos do Sindicato Rural.

Por ser recente nesse período ainda é grande a preocupação em legitimar a festa com a produção de artesanatos feitos com base no milho e também as comidas típicas, estas que inicialmente foram resgatadas nas fazendas da região para degustações durante a festa. Parece-me que a participação popular acontecia no início e essencialmente nesses eventos, o produtor rural dedicava tempo e recursos financeiros para a caracterização da festa, não recebiam como as demais atrações. Os verdadeiros fomentadores que enriqueceram de cores, formas e gostos a festa não recebiam mais que elogios. Como nos conta a depoente Genésia, que era produtora rural, no início da festa:

Eu nunca participei dos bailes e eventos por que era o povo mais rico que vinha pra cidade a gente mesmo não. Os vizinhos se viessem pra Patos na festa é que contavam. Essa Semana do Ruralista e Sindicato Rural nunca deu uma ajuda pra melhorar nossa roça....sempre precisei mas ajuda não tive. Como eu não vinha não

¹⁹ FESTA do Milho terá exposição de Arte. Folha Diocesana, Patos de Minas, 4 de maio 1972, p.1.

podia participar das palestras como muita gente...eles também não podiam nos auxiliar depois da festa indo próximo as fazendas para que realmente tivesse algum efeito em toda região. Me lembro de uma vez que um tio do meu marido o senhor João Francisco Araújo mais ou menos em 1982 ...eu já estava morando aqui (Patos de Minas)...ele na roça onde morávamos no Mataburrinho....como ele por distração fazia bonecos de madeira, um belo artesanato o Oliveira Mello foi lá entrevistou ele, depois o povo da prefeitura foi lá na fazenda Mataburrinho município de Lagoa Formosa buscou as peças e trouxe ele e sua companheira para uma exposição na Festa do Milho²⁰

A maioria da verba destinada para a festa ficava nas mãos dos cantores que se apresentavam nos bailes. O valor dos ingressos pouquíssimas vezes possibilitou que o patense participasse desses eventos e a maior reclamação que se tem da festa, além dos preços abusivos, é que todos os anos havia os shows de famosos e a festa em nada inova e nem proporciona uma chance para o cantor regional, ficando pautada em atrações que buscam apenas o lucro, como representa o trecho desse jornal, um folhetim publicado na época fazendo uma crítica aos organizadores do evento:

É interessante como os organizadores de nossas festas são insípidos quanto a diversão popular. Infelizmente lidamos com uma cúpula que só se beneficia com seus tão acalorados palhaços e suas trapalhadas. Os verdadeiros artistas da cidade são esquecidos, ante a pompa tão espalhafatosa de tão ilustres (ilustres?) convidados: Chacrinha, Chacretes e Trapalhões. É uma real ofensa ao povo que vive suando em função da regalia de poucos. É lamentável que numa festa popular, se cobre a quantia de Cr\$20,00 para que o povo se delicie ante as pernas (tão vistas e tão batidas. Ou o povo é sádico?) das Chacretes.²¹

Os shows de celebridades da indústria cultural nacional, sempre foram uma marca registrada da Festa Nacional do Milho e também de outras festas com esse formato. O que notamos é que uma minoria desagrada-se disso, visto que a festa perdura, mas no geral a idéia é o que movimenta grande soma de dinheiro dentro da economia da cidade. Se no início já aconteciam os shows imagine hoje, praticamente é essa a principal atração. Em entrevista com o atual presidente do Sindicato Rural, Sr. Evaristo, percebemos que para a festa é muito importante o valor da bilheteria neste:

Hoje o que ajuda muito a condição da festa são os patrocinadores e a gente sabe que eles tem um retorno bastante satisfatório, mas são os grandes parceiros nossos eles é que nos encorajam a iniciar a grande programação da festa, e depois vem a questão dos ...dos... da bilheteria que ajuda né?²²

²⁰ ARAÚJO, Genésia Carolina. Entrevista sobre a festa do milho. Patos de Minas/MG, 24 de agosto 2007.

²¹ PALHAÇADAS atrapalhadas. Mutirão. Patos de Minas, maio de 1977.

²² CAIXETA, Evaristo José (presidente do Sindicato dos Produtores Rurais). Entrevista sobre a Festa do Milho. Patos de Minas/MG, 11 de abril de 2008.

Mesmo nas primeiras festas compreendo que o patense, alguns com dificuldades financeiras não tinham muito acesso aos eventos, comparecia ao que era gratuito. As classes mais abastadas, as próprias idealizadoras da festa com fins de sua promoção, é que tinham contato com o baile, shows e eleição de rainhas do milho, mesmo por que era uma idealização de uma festa para os de sua classe. Há poucas apresentações de cantores da cidade e região, que poucas vezes eram convidados para participar de um evento, e quando eram geralmente tocavam em ambientes gratuitos e contavam com uma maior participação da população da cidade.

Na trajetória da festa os jornais só concedem informações que impõe ênfase a espetáculos que nada tem a ver com a cultura da região, mas sim com a modernização, espetáculos vindos de grandes cidades ligados ao exército ou não, que se apresentam na mesma, como a Esquadrilha da Fumaça, balé aquático aqui apresentado:

A pergunta que lhe fizemos sobre o balé aquático, representado por um grupo de moças de Ubá, se a prefeitura, mediante seu sucesso, por que não cria semelhante em nossa Praça de Esportes, respondeu Sebastião Alves do Nascimento (prefeito municipal): - De fato, foi maravilhoso o balé aquático. Vendo-o tinha-se a impressão que não estava em Patos de Minas. Seria interessante se tivéssemos semelhante modalidade de esporte aqui. Por horas, no entanto, é bastante difícil de se concretizar.²³

O que ocorre é que nas primeiras festas, por se pautarem mais na cultura do milho e se preocuparem com essa legitimação, a produção de artesanato e comidas típicas era realizada por pessoas de qualquer classe com boa vontade e simpatia ao motivo do milho e da terra cultivada, apresentando assim para organizadores, como povo trabalhador e ordeiro. E é claro dava-se mais valor aos cantores e artistas da cidade. O carisma da Festa Nacional do Milho vem dessas bases sólidas que atreladas à tradição do milho no Brasil e mundo trouxe o entusiasmo do povo patense para que a festa alcançasse a proporção e legitimação de hoje.

Também a Roda de Violeiros (concurso instituído afim de se obter participação direta do nosso homem do campo na festa), um churrasco na Granja Paraíso, um baile de apresentação das candidatas ao cetro de rainha do milho.²⁴

²³ UM quadro impressionante. Folha Diocesana, Patos de Minas, 18 de junho de 1961, p.6.

²⁴ A Festa do Milho e a sua história. Folha Diocesana, Patos de Minas 24 de maio de 1963, p.1.

Nesses anos de começo da festa não foram muitas coisas que mudaram no que tange a estrutura da própria. Mas a partir do momento em que ela se iniciou, Patos de Minas adquiriu energia elétrica, rodovias de acesso importantíssimas para o escoamento de suas produções. Acolheu indústrias e melhorou a estrutura e qualidade de vida na cidade. Essas conquistas foram fundamentais para a cidade e divulgação do evento na televisão e rádios do estado e país. Não vieram nem pela festa, mas por ser parte das políticas governamentais. Porém o que realmente acontecia no decorrer dos anos era a descaracterização da festa, que na década de cinquenta, estava preocupada com a modernização e o progresso, e passava também a se preocupar com o tipo de economia basicamente agrícola, que expressava retrocesso. Mesmo que se apresentasse como grande produtora rural o que realmente ansiou com a construção da Festa Nacional do milho foi seu reconhecimento na economia do país, com intuito de fazer parte das cidades consideradas modernas. Assim podemos ver que a maioria dos patrocínios vinham de comerciantes e industriais.

Neste capítulo nos detemos a demonstrar como se ligam os interesses de classes distintas, em prol da construção da tradição da Festa do Milho e um pouco de como o povo é inserido neste processo de construção da festa que tenta envolver a todas as classes em favor de interesses de uma minoria. O intuito de realizar a festa nos dias próximos ao aniversário da cidade, trazendo com isso autoridades políticas que poderiam facilitar a entrada do progresso na região.

No segundo capítulo vamos analisar como acontece esse processo, e como se desenrolam as facetas que levam a festa a alcançar as grandes proporções que tem hoje. Como acontece o processo em que o pequeno produtor rural é visto como principal fomentador do progresso e se torna homenageado pelo evento que se diz feito para ele, nessa faceta de idéias que buscam interesses que se diferem das expectativas dos produtores rurais. Numa aliança com os planos do governo federal de incentivo a agricultura, desenvolvimento da indústria utilizando-se da imagem do pequeno produtor rural.

CAPÍTULO II – A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA FESTA NACIONAL DO MILHO EM PATOS DE MINAS

No ano em que se inicia a primeira Festa do Milho, 1959, Patos de Minas já se encontra inserida, como a maioria das cidades do estado de Minas Gerais, numa tendência nacional que tem como propósito a marcha do país rumo ao progresso. Essa intenção fica explícita em uma das fontes utilizadas por mim, que é o jornal *Folha Diocesana*, escrito e editado por componentes da Diocese de Patos de Minas, de tendência católica. Suas reportagens denotam a personificação com que os religiosos norteiam os acontecimentos e enaltecem pessoas e obras que dão uma significação ao tipo de influência com a qual constroem o papel do povo, elite e Estado: a cidade e seus habitantes aparecem nas reportagens como exemplo de ordem e bons costumes cristãos, valores apresentados como essenciais para uma pessoa de bem e preocupada com o progresso do país. A década de 1950 é marcada por esse discurso que indica o período desenvolvimentista por que passa os países subdesenvolvidos.²⁵ Podemos notar neste trecho a marca religiosa, ufanista e progressista, apresentada no jornal:

O assunto da escolha da Rainha do Milho em Patos de Minas revolucionou toda cidade e quiçá a Diocese. A finalidade da venda dos votos não é o motivo do desinquietamento do povo, por que todos nós sabemos que a renda será revertida em Favor do Seminário Pio II, o mais certo e louvável aí é darmos completo e decidido apoio a esta obra que se destina à formação de padres para trabalhar nesse grande campo missionário que é o Brasil inteirinho. (...) Esta não é uma campanha de ludibrio ao povo, e sim um convite à sociedade católica, para tirar de si para engrandecer a si mesma, (...) porque é formar homens para trabalhar na Seara do senhor, formar homens para trabalhar no ministério do Cristo, formar homens para ganhar almas para Deus.²⁶

Parece-me claro que o motivo de exaltação da escolha da Rainha do Milho agrega vantagem não só ao Seminário Pio II, que é apenas mais um a se beneficiar com a festa. Há interesses de outras classes – comerciantes locais e Associação Rural de Patos de Minas – que são os que mais lucram na promoção do nome da cidade. Percebo aqui e na entrevista com Amália Maciel, uma das organizadoras das primeiras festas, o quanto o ideal de ambos é concebido visando um retorno econômico, um evento que fomentaria o comércio regional. Há

²⁵ CARDOSO, Heloisa H. Pacheco. **Conciliação, Reforma e Resistência: governo, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50**. Tese de Doutorado em História apresentada ao Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: São Paulo, 1998.

²⁶ RAINHA do Milho. *Folha Diocesana*. Patos de Minas, 17 de maio de 1959, nº 79, p.1.

uma união entre Igreja, comerciantes, ruralistas e Prefeitura a fim de alcançar o reconhecimento nacional e logo se inserir no modelo de progresso a que muitas cidades brasileiras se engajam nesse período. Na fala da depoente Amália e do depoente Evaristo, atual presidente do Sindicato dos Produtores Rurais, é notável o propósito da festa:

(...) essa festa foi uma colega minha, professora, nós éramos professoras na mesma escola. E juntamente com outra amiga dela, a Lia Brochado, ela tinha uma loja chamada Rio Modas... era uma boutique sabe...e ela queria fazer um desfile aqui em Patos das roupas da loja dela.(...) E fazem então essa festa, pode ser em benefício de alguma coisa, né? Elas então saíram de lá, e essa minha colega me contou no outro dia na escola tudo o que tinha passado, e eu fiquei sabendo tudo o que tinha acontecido lá. E agora nós estamos com a idéia de oferecer essa renda que a gente tiver com a festa para o seminário.²⁷

Desde 1958 temos a participação e organização da Associação Rural e vem sendo desde esse período hoje com o Sindicato ininterruptamente, então a gente entende que tanto um como outro é o mesmo seguimento.(...) Eu não entendo que haveria responsabilidade de uma festa se não houvesse a ligação com a prefeitura então nós temos uma ligação total, então, quando a gente fala em Festa Nacional Milho. (entrevista)²⁸

Apresentada aqui nestes trechos, a união de interesses é o que dá origem à Festa do Milho, essa miscelânea envolvendo os poderes da cidade na construção de um grande evento de ascensão que envolvesse a todos os que dele esperam auferir lucros. No discurso dessas classes, elas trabalham pelo progresso de Patos de Minas e de toda sua população, sejam ricos ou pobres, mas que entendo contribuir tão-somente por posições e melhoramentos que eles próprios almejam para si e para os de sua classe, envolvendo a população com um discurso ufanista e desenvolvimentista.

A população incorpora a festa dentro das comemorações do aniversário da cidade, visto que ela acontece nos dias que a antecedem e termina no dia 24 de maio, ficando marcada como a grande comemoração para os festejos de aniversário de emancipação política do local. Por isso ela envolve tanto o povo, comerciantes, ruralistas, industriais e Prefeitura. Justamente pela aderência entre eles, o ideal da Festa Nacional do Milho ganha ânimo em sua divulgação dentro e fora da cidade. Ela vai aos poucos, no decorrer de cada ano, se aglutinando ao evento maior, que é o aniversário de Patos de Minas.

A construção do desfile cívico e militar se dá em parte dentro dos colégios, construindo uma forte idealização dentro e fora da sala de aula. Nos colégios, direção, alunos

²⁷ SANTANA, Amália M. F. de. **Entrevista sobre a Festa Nacional do milho**. Patos de Minas/MG, 10 de set. 2006.

²⁸ CAIXETA, Evaristo José. **Entrevista sobre a festa do Milho**. Patos de Minas/MG, 11 de abril de 2008.

e professores são designados a construir um desfile baseado no artesanato com milho. Desde cedo lemos livros sobre a história de Patos de Minas que demonstram a Festa Nacional do Milho como festejo do aniversário da cidade.

As candidatas a Rainha do Milho se apresentam na praça, no mesmo desfile, em carros alegóricos adornados por palha e milho, entre outras riquezas da região. A maioria das pessoas de classes mais baixas tinha acesso apenas ao desfile cívico e militar, do qual participavam por meio de seus filhos, estudantes ou atiradores, que poderiam representar para eles o milho e a terra fértil promissora. Dentro desse evento, a caracterização da festa baseada na produção do milho gera uma sensação de comemoração original e própria da cidade, congregando valores ao milho e ao produtor rural, maior colaborador do evento, dentro dessa simbologia.

Ali se comemorava o aniversário da cidade que se engloba à Festa do Milho, os patenses comparecem ao desfile, como descreve o seguinte trecho da reportagem do jornal:

O povo se reuniu em um só espírito: no espírito do trabalho, em favor do maior brilhantismo possível dos festejos. Patos de Minas, de cidade alegre tornou-se festiva. As escolas se movimentavam. Ensaios. A rapaziada, as moças, todos, bastante garbosos, ensaiavam para o monumental desfile de 24 de maio. (...) E o povo ali estava para aplaudir. Aplaudia as candidatas a Rainha do Milho ... Maria Olivia candidata dos ruralistas, que venceu o pleito conquistando o título de Rainha do Milho-1960. E o desfile foi, no comentário de muita gente, um conto de fada.²⁹

No trecho em que ele se refere ao comentário de muita gente, demonstra que o deslumbramento pode não ter sido de todos, nem mesmo posso afirmar se houve realmente deslumbramento, ou se realmente estava repleto de pessoas, mas provavelmente sim, pois para o povo as comemorações acabavam nesse desfile. No seu discurso, fica mais clara a sua opção em descrever o desfile como um grande marco para a sociedade, construindo uma opinião para os leitores e cristãos que seguem os dogmas da Igreja e lêem com frequência o jornal, deixando claro que o desfile é um acontecimento cívico que denota o trabalho dos patenses no decorrer do ano, evidenciando o crescimento da cidade pelas mãos do povo e amarrando isso à comemoração. A Festa do Milho, juntamente ao aniversário da emancipação política da cidade, tentam construir um ideal de ordem e trabalho para o alcance do progresso, que fica caracterizado aqui no jornal como interesse de toda a população.

Dentro dessas comemorações e de toda mobilização que elas propiciam, há também o momento de reivindicações, já que se encontram na cidade muitas autoridades políticas, convidadas para os festejos e que em momento oportuno serão alertadas para as prioridades

²⁹ A ELEGÂNCIA do desfile. Folha Diocesana. Patos de Minas, 29 de maio de 1960, p.1.

da cidade, como energia elétrica, asfaltamento de mais ruas, enfim, as bases para o progresso de que necessita e que é uma marca do período desenvolvimentista em que está inserida.

A cada ano chega à cidade um melhoramento no que diz respeito à estrutura de Patos de Minas, por meio de indústrias ou mesmo serviços prestados pelo governo, e são muitas as necessidades da cidade. Pois nesse período a maioria das cidades está em processo de modernização e nenhuma delas deseja ficar para trás. O governo brasileiro se engaja no binômio “energia e transportes”, como elucida Heloisa Helena em sua tese de doutorado, e esses quesitos se tornam necessários em todo país, a fim de que se saia do atraso e subdesenvolvimento. O período desenvolvimentista busca a união de forças entre classes distintas, para a concretização de um país moderno. No trecho da *Folha Diocesana* temos a chegada da energia elétrica na cidade, inaugurada pouco depois do término da Festa do Milho:

E convencidos de que só uma grande e poderosa organização poderia resolver de vez o problema da força e luz, a cidade estendeu a mão para a CEMIG. E após, relutâncias, exigências, marchas e contra-marchas, chegou-se, afinal, ao acordo selado com o sacrifício do povo, com vultuosa soma monetária entregue com boa vontade, alegria e entusiasmo.³⁰

Apesar da dificuldade em se conseguir que a empresa se fixe na cidade, é necessário que ela se instale, para o que as doações do povo e a verba governamental são essenciais. Essa relutância em se instalar na cidade expressa a dificuldade em conseguir algo que se torna necessário para o progresso e que, independentemente da vontade de todos, tem de ser instalado na cidade, fazendo com que o povo desembolse de suas próprias economias para aquisição de algo que é desenhado como essencial. A exaltação do porte da empresa é feita como algo que elevará a cidade e propiciará empregos e novas oportunidades, num reconhecimento de progresso e tecnologia, quebrando barreiras antes difíceis. A recompensa pelo trabalho e esforço do patense em arrecadar fundos para instalação da empresa que somente lucrará com isso, num período em que o país passa por uma crise econômica, denota as prioridades do progresso, pois paga-se pela vinda de uma empresa e tenta-se ludibriar a população destacando os melhoramentos que ela vai trazer. O modelo de cidade em que se apóia Patos de Minas é a nova capital Brasília e o Rio de Janeiro, modelos a serem alcançados, para o que se torna necessário ressaltar este trecho da *Folha Diocesana*:

Está em estudo ainda um meio de se proporcionar a vencedora, uma viagem ao Rio ou a Brasília, com a finalidade de difundir o nome de Patos de Minas. (...) Como se

³⁰ PALAVRAS pronunciadas pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano no dia da Festa da Cidade, por ocasião da inauguração do serviço de força e luz. *Folha Diocesana*. Patos de Minas, 03 de junho de 1962, p.1.

espera, por motivo de treze cidades participarem do certame, será a festa bem mais concorrida este ano do que a do ano de 1959.³¹

Há a necessidade de que a festa seja divulgada onde esteja plantado o modelo de progresso ideal do país. Brasília é a materialização do sonhado progresso brasileiro. Sua construção acontece no governo de Juscelino Kubitschek, em que este ansiava por um progresso instantâneo de “50 anos em 5”. E é neste molde que se pauta Minas Gerais e suas cidades. A divulgação do evento neste pólo de progresso só poderia enaltecer e enriquecer a cidade por meio da apreciação da população brasileira que viesse comparecer como turista, dando força à sua propaganda.

O período por que o Brasil passa indica uma necessidade em se valorizar o produto nacional industrializado. A atividade agropecuária deixa de ser vista como lucrativa, pois a propaganda pelo êxodo rural leva a mão de obra para as indústrias das cidades. Há uma desvalorização do campo, o que leva a uma crise no setor de alimentação, a partir disso o governo tende também a incentivar a agricultura no estado de Minas Gerais e Brasil, visto que nesse período é necessário que o país importe alimentos por falta de produção nacional.³²

Patos de Minas se preocupa a divulgar desde esse período justamente o que o país carece em estimular: a prática da agropecuária. Pois é preciso que se cultivem produtos alimentícios para evitar a importação dos mesmos, e é necessário que se modernizem as técnicas de plantio, armazenamento, alimentação de animais para que se alcance um produto de qualidade. É fundamentado nessa perspectiva que acontecem as palestras da Semana do Ruralista, como demonstra o trecho do jornal:

Mas, em questão de criação de gado foram as dos Drs. Geraldo Carneiro, Carneiro Viana e Leônidas M. Magalhães, Catedrático da Escola Superior de Veterinária de Belo Horizonte. Pois até as suas conferências já estão produzindo principalmente quanto ao uso de minerais na alimentação do gado, sentido, pela procura dos minerais na Associação Rural, após a saída dos conferencistas. O Dr. Moacir Viana abordou amplamente e brilhantemente sobre a conservação do solo. Também foi realmente sentido o resultado desta conferência, pois o Diretor da Carteira de Crédito Agrícola e Associação Rural do Banco do Brasil me procurou na qualidade de Presidente da Associação Rural pedindo-me folhetos educativos sobre a conservação dos solos, a fim de que o fazendeiro se comprometa a seguir as normas

³¹ PREPARATIVOS para a Festa do Milho. Folha Diocesana. Patos de Minas, 24 de abril de 1960, nº107, p.1

³² CARDOSO, Heloisa H. Pacheco. **Conciliação, Reforma e Resistência: governo, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50**. Tese de Doutorado em História apresentada ao Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: São Paulo, 1998.

do folheto. Uma vez feito o compromisso o agricultor terá o empréstimo agrícola do mesmo estabelecimento bancário.³³

A necessidade da produção de alimentos aliada à modernização das técnicas do seu cultivo ajudariam a diminuir a importação daqueles e também motivariam a compra de produtos industrializados usados para os melhoramentos do solo e alimentação do gado. Aqui se apresenta um dos motivos em que a festa se apóia para apropriar-se da cultura do milho, pois enquanto Minas Gerais e Brasil estão preocupados em se industrializar, Patos de Minas também o está, porém apoiada nos motivos da festa que a projetaria como pólo agrícola, trazendo com isso o progresso, num período em que a produção de alimentos estava em escassez. Construindo a tradição da Festa do Milho, nesse espaço de tempo, se tornaria mais propícia a legitimação da cidade como grande produtora de grãos. Assim, unem-se as expectativas desta a uma questão de precisão brasileira no momento. As cidades símbolo do desenvolvimento do país dependem da agricultura dessas pequenas regiões, como Patos de Minas. No fragmento do jornal fica explícita essa condição:

Verificamos a veracidade da asserção do Dr. Moacir Viana de Novais, tonituando junto as autoridades estaduais _“ Não é Patos de Minas que precisa de estradas asfaltadas e outros favores do Estado. São vocês, de Belo Horizonte, Brasília e do Rio que precisam de construí-las para nós, se quiserem comer mais barato. Não é favor que nos fazem. É interesse seu que defendem”³⁴

A carência do país na produção de alimentos força o progresso para dentro da região de Patos de Minas, já que para que possa transportar alimentos para as várias partes do Brasil torna-se necessário que patenses defendam o progresso para o local, num jogo de interesses. Em tempo de Festa do Milho surgiam essas reivindicações – festa essa que além de aquecer a economia do comércio local traz o progresso por que detona a produção de alimentos, em escassez no Brasil. Assim como em muitas cidades deste país, que se apóiam na produção agropecuária e na elaboração de festas de produção, no período em que ocorrem movimentam a economia do local. Mas no caso de Patos de Minas a produção do milho nunca foi tão expressiva, visto o tamanho de nosso país, mas a divulgação e certamente o investimento muito maior do que o anterior à festa, aplicados na produção do cereal, desenhavam Patos de Minas como pólo agrícola, mais especificamente um grande produtor de milho híbrido.

³³ II Semana do Ruralista: entrevista com Dr. Eurípedes Pacheco, presidente da Associação Rural. *Folha Diocesana*. Patos de Minas, 5 de junho de 1960, nº112, p.1.

³⁴ O DIADEMA ostentes de rainha, o cetro empunhes do real poder. *Folha Diocesana*. Patos de Minas, 18 de junho de 1961, nº156, p.3.

Neste fragmento do jornal percebemos que após as festas iniciais há tentativas de melhoramento e uma maior produção do milho:

A estimativa da produção de sementes básicas (híbridos simples), de Milho da Estação Experimental de Patos de Minas no corrente ano agrícola é de 20 toneladas, que corresponde a 20% do total previsto para o Estado de Minas Gerais. Além disto, a Estação Experimental de Patos de Minas está multiplicando 3 linhagens necessárias a síntese dos híbridos simples, bem como mantém um extenso trabalho de melhoramento de milho, contando com a coleção de 459 linhagens, muitas das quais se acham em condições de serem testadas experimentalmente.³⁵

Visto que o milho em solo patense não era uma produção de vulto, com as necessidades advindas da divulgação da Festa do Milho tornou-se essencial que a sua produção sofresse melhoramentos quantitativos e qualitativos. E nessa idéia os produtores de milho necessitariam inovar, modernizando sua forma de cultivo e o tipo de sementes usadas no plantio, além de aumentar as suas áreas, para que pudessem responder à procura do produto na região. A produção de milho, como citado nas fontes, denota a carência no que diz respeito à quantidade do produto, visto que essas iniciativas demonstram que a produção de milho patense é pouco expressiva quando se olha para outros produtores do país.

Porém, os incentivos dados aos agricultores nesse período de início da festa acontecem mais como forma de elucidar um cultivo mais moderno com novas técnicas. Com o fim da Semana do Ruralista em 1977, os produtores rurais perdem o foco de instrução recebido no evento e outros benefícios, deixando assim de participar da Festa Nacional do Milho. Não há atrativos que englobem suas expectativas dentro de seus limites como pequenos produtores rurais, e mesmo que seja enriquecedor para eles o que sobressai é o grande comércio de produtos agroindustriais, acessível a uma minoria de grandes produtores, que recebem com certa facilidade financiamentos. Uma das atrações que se consolidam como apreciação das classes menos favorecidas é a Semana do Ruralista, mesmo porque o acesso a ela é gratuito. Depois de dezoito anos, firmada a tradição da festa como de produção do milho, deixam de ser necessários esses atores, que a carregaram de significado para que ela se transforme numa máquina turística que movimentava vultosas somas de dinheiro nos dias em que ocorre. No depoimento de Joaquim, pequeno produtor rural que participou do evento, o seu desencantamento:

Para o produtor rural tinha mais incentivo antigamente, hoje já mudou muito, passou mais para a parte de comerciantes.... e... a gente acha muita diferença por que hoje não se tem muito reconhecimento da Festa do Milho sobre o milho feijão

³⁵ TRABALHOS experimentais. Folha Diocesana. Patos de Minas, 3 de dezembro de 1961, nº177, p.7.

arroz...cultivo da terra mesmo, gado tem mais também não dá mais pra comprar....hoje pro pequeno produtor rural mudou demais eles não aproveitam mais o que é da terra...da zona rural (...) O produtor de milho no início da festa milho híbrido foi cultivado pelo Pedro Santos e o Pai Vaca eu com idade de uns 20 anos trabalhava pra ele lá no Mataburrinho fazendo a inseminação do milho que era feita na época da festa ...minha esposa mesmo quando jovem fazia a seleção do milho pra eles. Na ocasião nós fazia a colheita e plantava o milho mais cedo para a época da festa.³⁶

Os organizadores da Festa do Milho aproveitaram o cultivo do milho e cereais até que fosse consolidada sua fama; após a construção da identidade os produtores caem no esquecimento. É essencial o apoio da classe dos pequenos agricultores para a construção de uma identidade, mesmo por que, como cita o depoente no trecho acima, muito dos pequenos produtores rurais trabalhavam no cultivo e seleção de milho híbrido para fazendeiros de maior porte, e outros em sua propriedade, porém em pequena escala. Dentro da dissertação de mestrado de Luciana Lillian de Miranda, notamos que os incentivos dados pelo governo para investimento na agricultura ocorridos na década de 1960 até metade da década de 1970, acontecem com intuito de modernizar a agricultura; nesse momento os financiamentos são fornecidos a juro zero, sendo mais vantajosa a aquisição de empréstimos.

Passado esse período, deixam de ser vantajosos, pois ficam onerosos para os pequenos produtores rurais, que mesmo antes não puderam aproveitar essas facilidades, visto que suas experiências com o banco foram bem diferentes de médios e grandes produtores – por terem pouca terra ou não possuírem a fidúcia nos bancos, alguns não estavam dispostos a arriscar sua propriedade, único bem que possuíam, sobretudo porque outros de sua classe faliram, pois não conseguiram quitar os empréstimos já que não obtiveram o lucro almejado.

De 1960 até metade de 1970 o governo investe em propaganda com a intenção de que os agricultores modernizem suas formas de cultivo, o tratamento do solo, a alimentação de rebanhos, para um fortalecimento econômico de suas propriedades. Há uma excitação nas propagandas espalhadas pelos Sindicatos Rurais das cidades, por empresas como EMATER (Empresas de Assistência Técnica e Extensão Rural) e governo federal, estimulando a modernização por meio do investimento que os empréstimos seguidos da aquisição de tecnologias da agroindústria deveriam ser trazidos às propriedades, ocasionando prosperidade para o homem do campo. Essa modernização da agricultura acarreta o êxodo rural, pois com a

³⁶ SILVA FILHO, Joaquim Max da. **Entrevista sobre a festa do milho**. Patos de Minas, 24 de agosto de 2007.

implantação do serviço feito pelas máquinas, os produtores deixam de necessitar de grande parte da mão-de-obra, o que ocasiona a expulsão dos homens para a cidade.³⁷

Por esses fatores, foi muito importante para a festa a realização da Semana Ruralista, ajudando o governo nessa propaganda. Findo o período em que há necessidade de uma maior exploração e modernização da agricultura, não há mais necessidade das palestras. Elas deixam seu espaço para as grandes exposições de produtos da agroindústria destinados a médios e grandes produtores rurais. O trecho do jornal denota um sentimento de participação do pequeno produtor rural dentro do evento, trabalhando para a produção do milho, o grande motivo da festa; a sacada dos governantes e da Associação Rural foi no ano de 1961, homenageando o pequeno produtor rural com uma estátua em praça pública em que ele é representado, como confirma o trecho abaixo:

O monumento branco, prossegue o Sr. Prefeito, é uma homenagem ao trabalhador do campo. O nosso herói anônimo. Após a idéia do monumento, apareceram várias sugestões de como se apresentar o trabalhador do campo. A mais aceitável e que se concretizou, foi a de representar o trabalhador do campo carregando um jacá de milho, pois assim havia relação com a Festa do Milho, já tradicional em nosso município. Foi inaugurado pelo governador Magalhães Pinto no dia da Cidade, 24 de maio.³⁸

É óbvio que se trata de uma invenção que ajuda a construir a imagem do evento, pois elege o povo como fomentador, criando aqui uma estratégia política, incitando a ilusão de que além da festa ser para o pequeno produtor rural ele participa ativamente de seus eventos. Ora, participa enquanto é viável ao governo que ele modernize suas técnicas de cultivo ou criação, passada esta ocasião ele entra no esquecimento, como cita a reportagem, “anônimo” é o herói, assim ele permanece no decorrer dos anos.

Essa estátua é figurada por um homem de chapéu de palha, calças arriadas até a canela, corpo curvado para baixo, segurando pelas mãos em cima do ombro um jacá cheio de milho, aparentando um produtor com poucos recursos e sem os instrumentos e técnica moderna no modo como lida com a produção. É a representação dos produtores da região em sua maioria pequenos, porém, essa simbologia apresentada pela estátua provoca um estranhamento ao se lembrar das prioridades descritas no primeiro capítulo, em que se pauta a idéia da Festa do Milho. O que se pretende não é uma imagem do homem do campo, mas a

³⁷ Cf. MIRANDA, Luciana Lillian de. **A vida rural na mira da modernização conservadora: um diálogo com os proprietários rurais e o jornal Correio de Uberlândia, 1960-1985.** In: Revista História e Perspectivas, n.31, Uberlândia: UFU, 2004, p. 59-96.

³⁸ UM quadro impressionante. **Folha Diocesana**, Patos de Minas, 18 de junho de 1961, p.6.

utilização de sua imagem como representação do caráter agrário da festa, e também como uma política de envolvimento do povo com a festa. Há uma união do tema da festa, cultivo do milho, as políticas governamentais de modernização da agricultura e financiamentos que levariam a aquisição de produtos agroindustriais, visto que essa estátua representa o início de uma jornada em direção à modernização e, além disso, é um traço do governo populista que em 1961 ainda vigora.

Outro detalhe importante que encontramos nos jornais, pois nas entrevistas não é mencionado, é que concomitantemente à Festa Nacional do Milho nasce a Festa do Fosfato, que faz parte das comemorações de 1975 a 1981. Porém, havia uma única atração – se elegia apenas o segundo lugar do concurso para rainha do milho, que agora seria a rainha do fosfato. Com a extração do fosfato em Patos de Minas, entendo que essa seja mais uma tentativa de promoção, salvo-conduto o período em que nesse evento começa a ser explorada uma jazida de fosfato, que é controlada pela empresa Fosfertil (filial da Ultrafertil). Essa empresa é criada em Cubatão-SP, em 1958, com a denominação Ultrafertil.

A Petrobrás adquire o controle acionário da Ultrafertil em 1974, depois do que, em 77, a Fosfertil é criada como uma empresa do Governo Federal, com o objetivo de promover o aproveitamento da rocha fosfática da jazida de Patos de Minas. Em uma tentativa de promover também uma grande produtora de fertilizantes, que realmente é, tenta-se incorporar mais esse símbolo de progresso. No entanto, a Festa do Milho aqui já havia construído sua tradição, pelos 16 anos em que acontecia, sendo mais aceita ao se referir a Patos de Minas. Mesmo que a Festa do Fosfato seja parte da Festa do Milho, um meio de promoção da indústria do fosfato em alta em Patos de Minas, ela não se perpetua junto à Festa Nacional do Milho, deixando de fazer parte da mesma em 1982. No trecho abaixo é mencionada a vinda de uma empresa para exploração do fosfato; em outras edições também se fala da festa do fosfato:

O problema da estatização ou privatização da economia, principalmente com relação ao fosfato de Patos de Minas, voltou a movimentar as classes empresárias de Minas, e até mesmo a classe política, com projetos a favor e contra a estatização do projeto. A Associação Comercial de Minas, houve críticas quanto a decisão da Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CRPM) de exigir algumas condições para a participação do setor privado na empresa que será criada para a industrialização do minério.³⁹

³⁹ DEFINIÇÃO para o fosfato gera posições divergentes em Minas Gerais. **Folha Diocesana**, Patos de Minas, 13 de maio de 1976, nº 853, p.1.

O fosfato é uma riqueza da região de Patos de Minas e não só dela, mas o que quero dizer é que muito mais natural seria uma festa em comemoração ao fosfato. Já que o milho não é produzido em proporções que possam ser significativas, apesar de contribuir com o todo que é a produção do país. Mas dentro dessa leitura percebemos que o enraizamento da Festa Nacional do Milho tem uma força muito maior pelo tempo em que a mesma é constituída e por já ser um símbolo da cidade.

A despeito do êxodo rural, que ocorre neste período de modernização da agricultura, as pessoas que viviam nas cidades traziam consigo as tradições do campo que envolvia as pessoas que migravam e as que ainda moravam no campo. A aliança entre o governo, e seu processo de modernização da agricultura, e os organizadores da Festa do Milho, com o intuito de fomentar a industrialização do campo e aquecer a economia de um modo geral, constroem essa tradição da festa, com as várias Semanas Ruralistas e outras atrações que envolviam o povo, apesar de esse apreciar por muitas das vezes como mero espectador dos eventos, como elucida o trecho abaixo:

No dia 19, dentro da programação dos festejos comemorativos da 5ª Semana Ruralista e dia da cidade, realizou-se com grande afluência de espectadores, pela primeira vez em Patos de Minas, a Ginkana, com a participação de dezesseis automóveis. (...) Além da grande massa popular que ocupou a nossa majestosa Av. Getúlio Vargas e deu seu grande entusiasmo, houve seis vencedores. Todos eles com tempo máximo de sete minutos de prova.⁴⁰

O que percebo não só nesta como em outras reportagens é um afastamento dos eventos quanto ao poder aquisitivo do povo, uma gincana com carros em 1963 em uma cidade tão pequena é um tanto excludente. Patos de Minas contava com aproximadamente 39 mil habitantes em 1961, passando para 70 mil cerca de oito anos depois, um aumento de 30 mil pessoas. Podemos imaginar que isso advém dos fatores causados pelas políticas de modernização da zona rural. E assim podemos observar que essas pessoas passam por dificuldades de adaptação nessa nova realidade, aprendendo a lidar com novas formas da força de trabalho e convivendo com grande desigualdade social. Por isso pode ser excludente uma gincana em que fosse necessário o uso de automóveis, maioria da população não tinha recursos para possuir um.

Todas as Semanas Ruralistas foram utilizadas com o fim de modernização da agricultura, fazendo propaganda de financiamentos para obtenção de produtos industrializados e técnicas das mais diversas que poderiam melhor quantitativamente e

⁴⁰ GINKANA, desperta interesse do povo. Folha Diocesana, Patos de Minas 24 de maio de 1963, nº 243, p.9.

qualitativamente as produções. O fim da Semana Ruralista ocorre num período em que a política de financiamentos já não funciona como antes, juro zero, e os empréstimos ficam menos viáveis. Mesmo por que esses financiamentos, segundo Miranda, puderam ser úteis a uma minoria de médios e grandes proprietários rurais, que em muitas das vezes tinham outros meios de retirar verba para o pagamento dos empréstimos, demonstrando o quanto essas políticas puderam ser excludentes para alguns.⁴¹

O Sindicato Rural para a promoção da festa contou sempre com o apoio de setores não agrícolas, que eram muitos beneficiados, já que a festa movimentava vários tipos de comércio. A Festa Nacional do Milho de “tradicional e arcaica” durou pouco tempo. Seu intuito foi alcançado e seus maiores beneficiados foram à indústria e o comércio, apesar de muitas reportagens desenharem a festa como grande acontecimento para ruralistas, ela nada mais é do que promotora de grandes indústrias de agro negócio, comerciantes ligados ao turismo e outros. Essa equipe de organização (Sindicato Rural, Prefeitura e patrocinadores) parte de tradições do campo, visto que a população vem dele, mas os favorecidos nesse processo são indústria e comércio.

Desta forma é possível perceber como hábitos e valores por vezes pouco significativos para a população são apropriados pelo processo de desenvolvimento capitalista, incutindo novos hábitos as suas experiências, fazendo com que se firmem essas tradições que lhes são impostas, incorporando-as como legítimas. O que consolida a fama de eventos como esse na história das cidades, firmando os ideais das classes dominantes, e governo na construção de uma imagem hegemônica da cidade.

⁴¹ Cf. MIRANDA, Luciana Lilian de. A vida rural na mira da modernização conservadora: um diálogo com os proprietários rurais e o jornal *Correio de Uberlândia*, 1960-1985. In: *Revista História e Perspectivas*, n.31, Uberlândia UFU. 2004, p. 59-96.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa feita para a conclusão do Curso de Graduação em História pode acrescentar muito, talvez mais do que toda minha formação durante o curso, pois pude colocar em prática parte do que foi estudado no seu decorrer, uma vez que coloquei em evidência no presente trabalho minhas inquietações quanto à Festa Nacional do Milho, analisando sujeitos que puderam esclarecer como ela se cria e se torna tradicional. Trabalhando com as fontes orais, pude perceber melhor como os sujeitos assimilam suas experiências e o modo como se apropriam do que lhes é imposto, em especial no que se refere à festa.

Dessa forma fui construindo meu trabalho e conhecendo melhor essa nova escrita da história em que se coloca em foco sujeitos antes por ela excluídos, descobrindo por meio deles como se forjam hegemonias e dominações. Pude questionar a idéia de tradição que aparece naturalizada na história, percebendo assim sua construção com propósitos de modificar as reais pretensões das mesmas.

Pesquisando e escrevendo a monografia, esclareceram-me sobre os procedimentos do historiador ao lidar com as fontes, sugerindo a importância dos questionamentos sobre as suas origens. Nessa direção, o trabalho com entrevistas possibilitou o entendimento sobre como as memórias são divididas nas suas origens e significados.

Ressalto ainda nessa percepção a necessidade constante dos trabalhos monográficos na nossa região, posto que ela é carregada de eventos que parecem unânimes e hegemônicos, naturalizados às vezes como “populares”, mas que a rigor carregam as marcas de um processo de apropriação e consolidação das transformações capitalistas na região.

Patos de Minas é uma cidade que tem sua história marcada por sujeitos que tentam se projetar dentro do cenário nacional como um local bem sucedido e em destaque, e para isso se apropriam de tradições, as inventam e lhes estabelecem significados, o que me levou a notar que sua história tem que ser escrita de uma forma mais crítica e baseada nas experiências dos sujeitos que foram mascaradas pela história oficial, trazendo à tona suas opiniões e analisando o desdobramento de suas falas em todos os sentidos que seu meio social possa tê-las influenciado no decorrer de suas experiências. No entanto, esses temas permanecem abertos e com certeza merecem outras investigações.

RELAÇÃO DE FONTES

Entrevistas realizadas.

Evaristo José Caixeta
Presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Patos de Minas
11/04/2008
Urbano Augusto de Queiroz
03/09/2007
Alciney Ramos
03/09/2007
Antônio de Oliveira Mello
10/09/2006
Amália Maciel Ferreira de Santana
10/09/2006
Luzia Amélia Costa
03/09/2007
Genésia Carolina Araújo
24/08/2007
Joaquim Max da Silva Filho
24/08/2007.

Jornais

FOLHA DIOCESANA. Patos de Minas, 1959-1980.

MULTIRÃO. Patos de Minas, n.1 maio de 1977.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *História oral, a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

AMADO, Janaína. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. In: HISTÓRIA, Revista do Departamento de História, UNESP, Assis, São Paulo, vol. 14, 1995, pp.125-136.

ARANTES, Antonio Augusto (org.) *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense/CONDEPHAAT, 1984.

ARAÚJO, Angela M. (org.). *Trabalho, cultura e cidadania*. São Paulo: Scritta, 1997.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLANC, Lúcia. *Um rio de culturas: vozes da cidade*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Assessoria de Projetos Especiais, 1996.

BOLLÈME, Geneviève. *O povo por escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRESCIANI, M. Stella (org.). *Imagens da cidade*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1994.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARDOSO, Heloisa H. Pacheco. *Conciliação, Reforma e Resistência: governo, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50*. Tese de Doutorado em História apresentada ao Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

CARVALHO, M. Alice Rezende de. *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sete Letras Ltda., 1994.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Morar, cozinhar. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CIDADANIA. *Revista do Patrimônio histórico-artístico nacional*, nº 24, Rio de Janeiro, IPHAN, 1996.

CIDADE. *Revista do patrimônio histórico-artístico nacional*, nº 23, Rio de Janeiro, IPHAN, 1994.

CLARKE, John e RICHARD, John. *Working Class Culture, Studies in History and Theory*. London: Hutchinson P. Group, 1980.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1993.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO. *O direito à memória: patrimônio*

histórico e cidadania. São Paulo: SMC, 1992.

ESPAÇO & DEBATES. Revista de Estudos Regionais e Urbanos, Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos - NERU, São Paulo.

ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV.

FENELON, Déa Ribeiro. *Cultura e História Social*. In: PROJETO/HISTÓRIA, nº 10, PUC/SP, 1994.

FENELON, Déa Ribeiro. *O Historiador e a Cultura Popular: História de Classe ou História do Povo?* In: Revista PROJETO-HISTÓRIA, nº 4, São Paulo: EDUC, 1991, pp. 5-23.

FENELON, Déa R. et all. *Muitas memórias, outras histórias* São Paulo: Olho D'água, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FERRAZ DE LIMA, Solange e Vânia Carneiro de Carvalho. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo*. Álbuns de São Paulo (1887-1954). Campinas-SP: Mercado de Letras, 1997.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo*. Rio de Janeiro, UFRJ/MINC/IPHAN, 1997.

FOTOGRAFIA. *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN, nº 27, 1998.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura*. Lisboa: Presença, 1973.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Uma Civilização do milho*. In: Caminhos e Fronteiras. São Paulo: Cia das letras, 1957.

JAMESON, Frederic. *Espaço e imagem. Teorias do pós-moderno e outras imagens*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

Koury, Yara Aun et all. *Outras Histórias: memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho D'água, 2006.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade em transição – Santos 1870-1913*. São Paulo: Hucitec, 1996.

LEITE LOPES, José S. (Org.). *Cultura & Identidade operária*. São Paulo: Marco Zero/UFRJ, 1987.

LE GOFF, Jacques. *Memória-História*. Enciclopédia Einaudi, vol. 1, Porto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. In: PROJETO-HISTÓRIA, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo: EDUC, nº 17, novembro/98, pp. 63-201.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NEVES, Magda. *Trabalho e cidadania*. Rio de Janeiro, Vozes, 1993.

PECHMAN, Robert Moses (org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo, SENAC/Marca d'Água, 1996.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottman, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. In: TEMPO, revista do Departamento de História da UFF, n. 2, dez. 1996, pp. 53-72.

PORTELLI, Alessandro. *Sonhos Ucrônicos, memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. In: *PROJETO-HISTÓRIA*, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo: EDUC, n. 10, dez/1993, pp. 41-58.

PROJETO HISTÓRIA, nº12. *Diálogos com E. P. Thompson*. São Paulo: EDUC, 1995.

PROJETO-HISTÓRIA. *Ética e História Oral*. In: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo: EDUC, n. 15, abril 1997.

PROJETO HISTÓRIA, nº16. *Cultura e trabalho*. São Paulo, EDUC, 1998.

PROJETO-HISTÓRIA. *Trabalhos da memória*. In: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo: EDUC, n. 17, novembro/98.

REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. *Sociedade e trabalho na história*. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, nº11, 1985.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. *Terra e poder*. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, nº12, 1986.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. *Instituições*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, nº14, 1987.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. *Memória, História, Historiografia*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 13, nº 25/26, set.92/ago.93.

REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-ARTÍSTICO NACIONAL, Rio de Janeiro

REVISTA HISTÓRIA E PERSPECTIVA, nº10, 1994, Uberlândia-MG: UFU.

REVISTA HISTÓRIA E PERSPECTIVA, nº 31, Uberlândia: EDUFU, 2004.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Stúdio Nobel/FAPESP, 1997.

RYBCSZINSCKI, Witold. *Vida nas cidades: expectativas urbanas no novo mundo*. Rio de Janeiro: Record, 1996 .

SAMUEL, Raphael. *História Local, História Oral*. In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.9, n.19, set.89/fev.90, pp. 219-243.

SAMUEL, Raphael. *Historia popular y teoria socialista*. Barcelona: Grijalbo, 1984.

SAMUEL, Raphael. *Teatros da Memória*. In: PROJETO-HISTÓRIA, n. 14, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo: EDUC, 1997, pp. 41-81.

SANTANA, Charles D'Almeida. *Fartura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações. Bahia, 1950-1980*. São Paulo: ANNABLUME, 1998.

SANT'ANNA, Denise B. de. *O prazer justificado, história e lazer. São Paulo, 1969/1979*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SARLO, Beatriz. *Una modernidad periférica*. Buenos Aires: Ed.Nueva Vision, 1988.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo: cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 1997.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SIMSON, Olga de Moraes Von (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: UNICAMP/CMU/ABHO, 1996.

SUSSEKIND, Flora. *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Tradução de Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Senhores & caçadores*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *A miséria da teoria*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. *Anzac memories*. Austrália: Oxford University Press, 1994.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tradições populares na Belle Époque carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Mário Lago. Boêmia e política*. Rio de Janeiro, FGV, 1997.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.